

## A VERDADEIRA “NOVA POLÍTICA” NASCEU DAS CEBs

Maurício Abdalla

Coordenador pedagógico da Escola de Fé e Política da Arquidiocese de Vitória

As CEBs tiveram sua atuação inspirada nas novidades do Concílio Vaticano II e, principalmente, nas orientações das conferências episcopais de Medellín (1968) e Puebla (1979). A perfeita sintonia entre as CEBs e as orientações pastorais da Igreja na América Latina não foi casual: foi das pequenas comunidades católicas espalhadas pelos recantos urbanos, rurais, costeiros, montanhosos e florestais de nosso continente que surgiu o “novo modo de ser Igreja” que inspirou os bispos latino-americanos.

O Documento de Medellín afirmava que *“a carência de uma consciência política em nossos países torna imprescindível a ação educadora da Igreja, com vistas a que os cristãos considerem sua participação na vida política da nação como um dever de consciência e como o exercício da caridade em seu sentido mais nobre e eficaz para a vida da comunidade”*.

Essa ação educadora se concretizou mais fortemente nas CEBs, onde a fé, a vida e a conscientização por meio da educação popular compuseram uma totalidade teórica e prática, ou seja, uma *práxis*, que trouxe uma novidade na política: a participação do povo.

Das CEBs nasceu a reflexão sobre os problemas vividos pelos povos das periferias das cidades, áreas rurais, territórios indígenas e florestas. Esses problemas eram analisados em suas raízes geradoras, julgados eticamente pela mensagem da Bíblia e atacados por meio das organizações que surgiam a partir dessa reflexão.

A mensagem bíblica e as orientações dos bispos latino-americanos, encarnadas em situações reais de pobreza, exploração, opressão e exclusão, fizeram surgir novos sujeitos na política, com atuação nos principais movimentos sociais da América Latina e na vida político-partidária.

A ação das CEBs criou um campo ético-político novo, baseado em princípios sólidos, visão humanista e utopia concreta, que não se dobrava ao pragmatismo de interesses de poder. Não se rendia à forma tradicional de fazer política e tinha como horizonte a transformação estrutural da sociedade.

A nossa preocupação principal, como novos sujeitos da política, não era a ocupação do poder pelo poder, nem a manutenção de mandatos a qualquer custo. A luta conjunta não permitia disputas interesseiras entre os nossos, pois cultivava a solidariedade na luta contra um inimigo comum.

A Conferência Episcopal de Puebla reforçou a necessidade de que os leigos participassem da vida política partidária, mas com o objetivo de fazer concretizar nossas utopias: *“Corresponde à sua condição leiga constituir e organizar partidos políticos, com ideologia e estratégia adequada, para alcançar seus legítimos fins.”*

A vida partidária e eleitoral, para quem tem origem e raízes nas CEBs, deve estar a serviço da mística transformadora que criou a “nova política”, lá para os anos 70 e 80. O nosso campo ético-político, fincado no projeto do Reino de Deus, precisa

ser alimentado, renovado e se tornar uma força política real, a fim de agirmos como fermento no campo partidário e eleitoral.

Mas devemos ter o cuidado de não nos perdermos na dinâmica de poder dos partidos e no pragmatismo político, a ponto de esquecermos de nossas origens e da fonte de nossa ação. Guardemo-nos do fermento dos fariseus, e “nunca deixemos morrer a profecia” (D. Helder Câmara).